

Um observatório de imprensa na Amazônia: o papel educativo do Lacrima

Rafael Bellan Rodrigues de Souza

Professor adjunto do curso de Comunicação Social/Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) em Parintins (AM). Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Sociais Interdisciplinares do Baixo Amazonas. E-mail: rafaelbellan@yahoo.com.br

Resumo: O texto relata a experiência educativa do Laboratório de Crítica de Mídia do Amazonas (Lacrima), debatendo o papel dos observatórios de imprensa na formação da audiência ativa. Parte de uma aprendizagem não escolar, por meio dos observatórios críticos de mídia ventila-se uma superfície de comunicação unificada entre especialistas e não iniciados, em que são compartilhados saberes que podem ampliar a consciência sobre as relações entre mídia e poder. Iniciativa acadêmica associada ao curso de Jornalismo da UFAM, o observatório constituiu-se como uma mídia radical alternativa na cidade de Parintins (AM), objetivando não apenas o exercício do *media watching*, mas também o aprendizado do público no sentido da construção de uma contra-hegemonia comunicacional.

Palavras-chave: observatórios; *media watching*; educação; contra-hegemonia; Amazônia.

Abstract: The paper reports the educational experience of the Amazon Media Critical Laboratory (Lacrima), debating the role of press observatory in the formation of active audience. Part of a non-school learning, critical media observatories are a unified communication interface between experts and uninitiated, that are shared knowledge that can raise awareness about the relationship between media and power. Academic initiative associated with the Journalism course of UFAM, the observatory was constituted as a radical alternative media in the city of Parintins (AM), aiming not only the exercise of the media watching, but also the public learning towards the construction of a communicational counter-hegemony.

Keywords: observatories; media watching; education; counter-hegemony; Amazon.

1. INTRODUÇÃO

Buscando tornar-se um agente coletivo de aprimoramento da mídia e uma voz crítica frente às relações espúrias entre o jornalismo e o poder oligárquico na região Norte do país, surge em 2010 o Laboratório de Crítica de Mídia do Amazonas, Lacrima, extensão universitária marcada pela finalidade de intervir na leitura dos amazonenses sobre as notícias que penetram em seu cotidiano. A experiência durou três anos e gerou um relevante *blog* denominado *Observando*¹, uma cartilha chamada “Mídia: manual de uso” e um jornal especial

Recebido: 02/03/2016

Aprovado: 27/03/2016

1. O produto foi premiado no Expocom Norte em 2011 e 2012. A equipe do Lacrima era composta pelo coordenador Rafael Bellan Rodrigues de Souza e alunos do curso de Comunicação Social — Jornalismo do Icsesz-Ufam.

impresso. O norte da iniciativa era o debate sobre autonomia dos espectadores, direcionados a uma recepção negociada da mídia² e também a construção de uma contra-hegemonia comunicacional, destinada a atuar na formação crítica do público, em especial, os residentes no município de Parintins (AM).

Forjado na linha de uma comunidade de aprendizagem, o projeto era mais que um observatório acadêmico. Tentando desnudar os enquadramentos jornalísticos, e elaborado em um cenário universitário ainda incipiente³, o Lacrima articulava saberes e militância política a uma proposta voltada a promoção da cultura do *media watching*, mas que também servia de laboratório experimental aos alunos do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Nesse sentido, o projeto também articulava a função de avaliador técnico da qualidade da produção regional, refém dos limites de uma formação utilitária e irrefletida por parte dos profissionais da imprensa parintinense.

Como agente coletivo, organizado em princípios relacionados à democratização da comunicação e à formação de uma cidadania ativa na Amazônia, entende-se que os observatórios, no contexto de midiaticização cuja tonalidade também se amplia nas zonas de difícil acesso, caracterizam-se pela tentativa de gestar um poder de vigilância da informação ora produzida pelas empresas de comunicação. Mesmo com o quarto poder cada dia mais desocupando seu espaço crítico na sociabilidade humana⁴, a educação para as mídias torna-se um antipoder vital no contexto de crise estrutural do capital⁵.

O objetivo do Lacrima era proporcionar à sociedade parintinense análises dos conteúdos jornalísticos elaborados no âmbito municipal e estadual, e desenvolver reportagens sobre temas por eles ignorados, incentivando a recepção autônoma e ativa dos produtos de comunicação de massa. Além disso, também tinha como horizonte: consolidar um laboratório experimental de análise sobre o jornalismo produzido no município; promover discussões sobre a atuação da mídia na formação de concepções hegemônicas relacionadas à política, cultura e comportamento; possibilitar o amadurecimento dos discentes na prática da análise crítica de mídia, incentivando os futuros profissionais a compreenderem as dimensões políticas, culturais e sociais do jornalismo; divulgar para a comunidade de Parintins, por meio do *blog Observando*, as análises e reportagens elaboradas pelos discentes; discutir temáticas que possibilitem ao cidadão uma visão mais crítica frente aos meios de comunicação, defendendo a formação desses sujeitos como seres comunicantes; e, por último, incentivar a aproximação da Ufam com a população parintinense, cumprindo sua missão de promover uma formação crítico-emancipatória no Baixo Amazonas.

Este artigo sintetiza a experiência dos três anos do Lacrima, refletindo sobre seu papel educacional no sentido de construção da audiência ativa do público da mídia amazonense. O texto também caracteriza o laboratório como um exemplo de mídia radical alternativa, visto que não apenas movimentou uma atividade de *media watching* na região como também construiu um importante canal de expressão de ideias contra-hegemônicas.

2. HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

3. O curso de Jornalismo inicia-se no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) em 2007.

4. RAMONET, Ignácio. *A explosão do jornalismo: Das mídias de massas à massa de mídias*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

5. MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

2. O PAPEL EDUCATIVO DOS OBSERVATÓRIOS

Nas últimas décadas as experiências organizadas pela sociedade civil no sentido de articular monitoria das atividades da mídia, em especial do jornalismo, vêm se ampliando. Das pioneiras iniciativas como o Observatório da Imprensa⁶ e o Mídia & Política (Unb) até a consolidação da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (Renoi), percebe-se com clareza a vitalidade de uma prática social, política e comunicante que destaca o potencial educativo dos vigilantes da comunicação. Criticando aspectos profissionais e éticos da imprensa, os observatórios têm se consolidado como importantes agentes políticos que não só decifram as intenções dos produtos da indústria cultural, mas também se colocam como avaliadores desse aparelho privado de hegemonia, enxergando-o não como estruturalmente refém das práticas do bloco histórico dominante, mas como esfera contraditória capaz de ser rearticulada em uma nova direção moral e intelectual para a sociedade.

O aparecimento de um grande número de observatórios de imprensa ou de mídia nos últimos anos não é um fato isolado da conjuntura política brasileira. Praticamente todos têm independência em relação aos poderes instituídos, em relação aos interesses político-partidários e aos interesses econômicos da indústria cultural e informativa do país. Isso garante uma crítica autônoma e posiciona os observatórios como novos atores políticos nas relações entre a sociedade e sua mídia⁷.

O diagnóstico de nosso sistema de mídia, bem como da práxis jornalística, que orienta grande parte dessas experiências apresenta uma concentração despótica dos meios, principalmente de radiodifusão, não alterado em sua essência nem mesmo no lulismo⁸. Além disso, entendendo o jornalista como um protagonista de uma espécie de serviço público, cujo produto ganha expressão social, torna-se vital a construção de um espaço público de debate em torno desses conteúdos, que na maior parte das vezes são enredados em posições hegemônicas.

Parcela preponderante da mídia quer reduzir ao mínimo o fluxo de ideias contestadoras — por mais que estas continuem existindo. A meta precípua é esvaziar análises críticas e expressões, de dissenso, evitando atritos entre as interpretações dos fatos (notadamente os que afetam interesses econômicos, corporativos e políticos) e seu entendimento por parte de indivíduos, grupos e classes. O controle ideológico dificulta a participação de outras vozes no debate sobre os problemas coletivos, pois se procuram neutralizar óticas alternativas, principalmente as que se opõem à supremacia do mercado como âmbito de regulação de demandas sociais⁹.

Nesse cenário, a missão dos observatórios se amplia. São articuladores de saber fundamental a uma cidadania ativa, gestada na tarefa de formação de sujeitos históricos autônomos, capazes de desenvolver habilidades comunicantes mais arrojadas. “Os observatórios podem e devem ser empregados como instrumentos em situações educativas de caráter formal e não formal”¹⁰. Isso porque os movimentos de aperfeiçoamento do acesso aos meios de

6. Inicou-se em 1996, com edições quinzenais e, a partir de 2001, foi renovado com edições semanais.

7. MOTTA, Luiz Gonzaga. Crítica da mídia: da resistência civil ao desenvolvimento humano. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. *Observatórios de Mídias: Olhares da cidadania*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 22.

8. SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. A radiodifusão aberta e a democratização da comunicação no lulismo: Hegemonia dos coronéis eletrônicos. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 14, n. 28, 2015.

9. MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. *Debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, pp. 54-77, jan./jun. 2010, p. 68.

10. SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de e ROTHBERG, Danilo. Crítica de mídia e educação para os meios. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. *Observatórios de Mídias: Olhares da cidadania*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 197.

comunicação no Brasil e o desenvolvimento das práticas jornalísticas, além da popularização da internet e meios comunitários são ações que, sem um aprendizado para as mídias, perdem o viço. Essa necessária pedagogia crítica de mídia via observatórios pode se pautar em alguns alicerces:

1) o reconhecimento da construção da mídia e da comunicação como um processo social, em oposição a aceitar textos como transmissores isolados de informações, neutros ou transparentes; 2) algum tipo de análise textual que explore as linguagens, gêneros, códigos e convenções do texto; 3) uma exploração do papel das audiências na negociação de significados; 4) a problematização do processo da representação para revelar e colocar em discussão questões de ideologia, poder e prazer; 5) a análise da produção, das instituições e da economia política que motivam e estruturam as indústrias de mídia como negócios corporativos em busca de lucro¹¹.

O eixo prioritário dos observatórios — e o Lacrima se inspirou neles — é de ampliar a consciência pública sobre os bastidores da produção das notícias, caracterizando como as rotinas das redações interferem na elaboração do conteúdo e de que forma essas mensagens chegam aos receptores. Parte de uma aprendizagem não escolar, por meio dos observatórios críticos de mídia ventila-se uma superfície de comunicação unificada entre especialistas e não iniciados, em que são compartilhados saberes que podem ampliar a consciência sobre as intenções da mídia, em que o jornalismo é analisado como parte de processos mais amplos, dependentes de variáveis econômicas, políticas e, portanto, sendo expressão da luta de classes.

Embora servir ao processo formal de ensino e aprendizagem não seja o objetivo mais proeminente dos observatórios de imprensa, não há como negar a função educativa que eles realmente desenvolvem. De fato, ao selecionar mensagens jornalísticas, organizá-las, compará-las entre si e avaliar conteúdos em função de referências mais amplas, os observatórios realizam uma tarefa prática (a produção de informação), adicionada de uma reflexão sobre a prática (a análise do modo como os meios de comunicação produzem seus conteúdos). E esse é o fazer básico de toda ação educativa, nas outras esferas do conhecimento contempladas pelo currículo escolar¹².

Estruturando-se dentro de uma atmosfera de aprendizado informal, os observatórios promovem situações educativas na medida em que colaboram para a criação de um repertório do receptor, armando-o com novas compreensões do *modus operandi* da mídia, em especial as intenções que perpassam a trama da produção jornalística na contemporaneidade. Não obstante, os próprios observatórios são agentes produtores de informação, caracterizando-se, na maior parte das experiências brasileiras, como articuladores de um quinto poder frente à hegemonia comunicacional. As comunidades de aprendizagem instauradas por esses suportes são incubadoras de seres comunicantes, visto que os capacita para a audiência ativa. Assim, a promoção de sujeitos históricos no âmbito midiático torna-se um desafio constante dessas experiências.

11. KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 104 — Especial, out. 2008.

12. SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; ROTHBERG, Danilo, 2008, op. cit. p. 206.

A tarefa pedagógica dos observatórios passa então por uma tentativa de criação de uma armadura intelectual ante a violência simbólica da mídia convencional hegemônica.

A violência simbólica exercida pelos meios de comunicação poderia ser combatida mostrando de uma maneira compreensível, isto é, reduzida à experiência e à vida cotidiana, os limites entre imagem e coisa, percepção e representação, desejo e satisfação. Deste modo se aprenderia a não enganar a si mesmo e a não desejar enganar-se¹³.

Defende-se como missão, dessa forma, que a maioria das pessoas, ou melhor, o povo, torne-se protagonista dos meios, utilizando para a formação de sua opinião os exemplos e modelos vivos, concretos, em todos os aspectos da vida. Esse protagonismo é entendido aqui como o despertar da capacidade das maiorias trabalhadoras em elaborarem suas próprias notícias e discutirem suas impressões a respeito dos fatos.

3. UMA MÍDIA RADICAL EM TEMPOS DE CRISE

Essa vertente resistente do jornalismo insere-se na proposta de construção de mídias radicais alternativas, ou seja, “a mídia — em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes — que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”¹⁴. Dessas mídias, valem-se os grupos de oposição que pretendem transformar a sociedade, direcionados pela abordagem crítica do existente e na caracterização de ideias e compreensões diferentes da perspectiva hegemônica.

Em primeiro lugar, a mídia radical alternativa expande o âmbito das informações, da reflexão e da troca a partir dos limites hegemônicos, geralmente estreitos, do discurso da mídia convencional. Isso se dá, em parte, pelo fato de ser bastante numerosa. Em segundo lugar, ela frequentemente tenta ser mais sensível do que a mídia convencional às vozes e aspirações dos excluídos¹⁵.

O Lacrima certamente perfila esse desenho de mídia, visto que, assumindo um viés de contra-hegemonia, inspira-se em um olhar classista para investigar a relação entre o poder e os meios de comunicação, enfrentando para isso, a direção moral e intelectual que, como processo vívido e dinâmico, comanda os aparelhos privados de hegemonia. Como a tarefa jornalística serve muitas vezes de alicerce e propaganda a essa articulação dominante, o *media watching* ganha contornos alternativos, principalmente ao propor um novo modelo de comunicação que seja mais participativa, democrática e focada na mudança social cada dia mais necessária no contexto de crise estrutural do capital.

No cenário regional da Amazônia, com destaque para o Baixo Amazonas e o município de Parintins, percebe-se que um observatório de imprensa não tem como restringir suas críticas simplesmente aos enquadramentos e angulações das narrativas jornalísticas. Isso porque ao descortinar as intenções por

13. ROMANO, Vicente. *La formación de la mentalidad sumisa*. Madrid: Ensayo, 1998, p. 138.

14. DOWNING, John D.H. *Mídia radical: Rebelião nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Editora Senac, 2002, p. 21.

15. Idem, *ibidem*, p. 81.

trás das matérias, desnuda-se também os sujeitos coletivos que falam por ela. Assim, o Lacrima foi obrigado a configurar-se com uma mídia radical alternativa, enfrentando as elites locais, o coronelismo eletrônico e as figuras intelectuais tradicionais¹⁶ como a Igreja católica, maior financiadora e proprietária do Sistema Alvorada de Comunicação — grupo midiático mais relevante do Baixo Amazonas.

O engajamento em torno do Lacrima se pautou pela questão da formação política mais ampla dos espectadores. No último ano do projeto, estruturou-se também uma editoria que buscava realizar pautas jornalísticas, mostrando mazelas regionais até então ocultas nas rádios e impressos regionais. Foi nesse eixo que os alunos de graduação puderam demonstrar que é possível outro tipo de jornalismo que, longe de aparelhado e instrumentalizado pelo poder ou pela resistência, pode abraçar as demandas das classes subalternas de forma realista — atendendo as potencialidades do jornalismo como forma social de conhecimento¹⁷.

Dentre os produtos de mídia radical elaborados pelo grupo, está o *blog Observando*¹⁸, que manteve atualização semanal com ensaios de crítica de mídia desde 2011. Ao encerramento do primeiro ano foi publicada também uma cartilha denominada “Mídia: manual de uso”, em que de forma didática eram explorados os principais problemas da mídia local, material que foi compartilhado com movimentos sociais e ativistas no II Fórum pela Democratização da Comunicação (realizado em 2012). Já ao final do terceiro ano, um jornal impresso com tiragem de mil exemplares circulou pelo município, apresentando reportagens e ensaios sobre as atividades do Lacrima, explicitando os bastidores da produção noticiosa amazônica e seus limites, investigando os vínculos entre a mídia e o poder coronelista. Destacam-se nesse jornal duas reportagens com temas polêmicos: a descriminalização do aborto e o aumento dos pacientes portadores de HIV em Parintins.

4. A EXPERIÊNCIA DO LACRIMA

O principal instrumental usado no interior do Lacrima para o desenvolvimento da análise das notícias e reportagens foi a noção de enquadramento — que possibilita a compreensão do relevo dado a certos aspectos em detrimento de outros, avaliando tanto a omissão quanto a seleção de personagens e situações motivadas pela angulação dada pelo jornalista, entendido dentro de uma rede de poder, em que sua autoria não é definitiva.

Na prática jornalística, um enquadramento é construído através de procedimentos como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos e situações do dia são dados a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas, etc¹⁹.

16. GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

17. GENRO FILHO, Adeldo. *O segredo da pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

18. Disponível em: <<http://observandoparintins.blogspot.com.br>>.

19. ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). *Vitrine e vidraça: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo*. Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom, 2010.

Assim, o texto torna-se a porta de entrada para a ampliação do olhar sobre os condicionantes sociais e a pressão exercida pelos interesses em jogo na produção da notícia no Amazonas. Além do enquadramento, o *Lacrima* analisava aspectos da produção jornalística, tendo como prisma os condicionantes sociais das notícias. Em síntese, o grupo buscava investigar:

- a) o uso das fontes, as motivações por trás das escolhas de quem tem voz na notícia;
- b) a caracterização dos personagens, se ela respeita a autonomia dos entrevistados, incentivando o diálogo e não a exacerbação pitoresca e exótica dos cidadãos;
- c) a eficácia do resultado, esclarecendo com informações vitais o imaginário do leitor/ouvinte/telespectador;
- d) o compromisso em possibilitar a ampliação do debate público sobre temas candentes da sociedade e não seu fechamento;
- e) a capacidade de ampliar a voz dos oprimidos e não considerá-los apenas dados estatísticos;
- f) o rigor técnico na apresentação do resultado de um trabalho de reportagem, entendido como um conhecimento do aspecto singular da realidade²⁰;
- g) o abuso mercantilista do poder de informação;
- h) a ausência de criticidade na investigação dos acontecimentos por parte dos jornalistas;
- i) o real potencial comunicativo dos produtos analisados;
- j) a “visão de mundo” expressa nas matérias.

Além desses contornos, o grupo seguiu, na abordagem, o método dialético, compreendendo a sociedade e a mídia sempre em relação com a historicidade do homem, entendido como ser social que produz sua própria realidade e é por ela moldado. Nesse sentido, o jornalismo surgia como uma prática social que se relaciona com a totalidade, cimentada no devir humano em constante mudança e criação.

Na trajetória do grupo, foi possível ampliar o aprendizado dos alunos de jornalismo em relação à prática jornalística, situada em seu contexto social, político e econômico. Ao realizar os ensaios e reportagens, ao responder os comentários dos leitores, os componentes do grupo se especializaram na função de comunicador-ativista, racionalizando de forma crítica o papel da comunicação nos jogos de poder e na consolidação da hegemonia.

A cidade de Parintins possui uma variedade de empreendimentos jornalísticos: são três jornais impressos semanais (*Jornal Novo Horizonte*, *Repórter Parintins*, *Jornal da Ilha*) dois quinzenais (*Folha do Povo* e *Jornal Regional*) e um diário (*Plantão Popular*); duas rádios com programação jornalística (Alvorada FM e Clube AM) e um jornal televisado diário (*TV Alvorada*). O universo dessa vigilância também adentrava os impressos publicados em Manaus (AM),

20. GENRO FILHO, 2012, op. cit.

mas distribuídos em Parintins (*A Crítica, Dez Minutos, Manaus Hoje e Diário do Amazonas*). Embora os profissionais desses veículos desenvolvam a atividade jornalística há muitos anos, quase a totalidade deles não passou pelos bancos da universidade. Com a chegada do curso de Jornalismo do ICSEZ/Ufam, muitos decidiram aprimorar seus conhecimentos, contudo, são perceptíveis as dificuldades em realizar uma produção jornalística comprometida com os princípios de valorização das demandas do público.

Com a consolidação do *Lacrima*, a resposta dos grupos midiáticos locais, dentre os quais o maior, o Sistema Alvorada de Comunicação, encampou um ataque aberto ao observatório. Esse grupo recebeu muito mal as críticas e passou a usar seus espaços midiáticos, principalmente a rádio da qual é concessionária, para desqualificar o coordenador do projeto e seus alunos. A polêmica, entretanto, produziu uma ampliação no número de acessos ao *blog* e apoios inesperados, de pessoas críticas ao poder despótico da emissora. A partir daí, foram elaborados textos mais densos, apontando questões como a discussão em torno do hino parintinense²¹, o aborto, e a mitologia da “cidade perfeita” vendida pelos meios de comunicação. Também foi criado o “Desafio *Lacrima*”, em que eram sugeridas pautas para os jornalistas, demonstrando que é possível produzir material de melhor qualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprendizado gerado pelo observatório foi constatado pelo desenvolvimento amplo das competências comunicativas dos graduandos. Do ponto de vista formal, foi possível perceber o salto na qualidade dos ensaios e reportagens produzidas. Contudo, a mudança mais relevante e duradoura, por parte dos alunos envolvidos, foi na capacidade de identificar as principais contradições do sistema midiático e a sagacidade em compreender os interesses por trás dos enquadramentos jornalísticos. A catarse educativa também é nítida na apropriação de um manancial crítico que obrigou, de forma positiva, os participantes a lutar por outra comunicação.

A socialização política entre os participantes cultivou um espaço de troca bastante produtivo, conscientizando-os sobre a relevância não só dos observatórios, mas também da criação de conteúdos críticos e alternativos, que não se entrelacem com os interesses do bloco histórico hegemônico. Ao abrir esse leque de atividades não pautadas no mercado e no coronelismo eletrônico, o *Lacrima* foi um espaço de cultivo de experiências e reflexões capazes de ampliar o manancial subversivo da comunicação, quando norteada a ser subsídio das classes subalternas e suas lutas.

Os acessos ao *blog*, por parte da população, foram amplos, quase 50 mil visitas nos três anos da iniciativa, o que demonstra o relevo da proposta no contexto amazonense. Embora seja difícil aferir o quão os textos do *Lacrima* permitiram um melhor uso da mídia por parte dos parintinenses, é fato

21. Uma canção católica foi alçada à posição de Hino de Parintins. O tema polêmico foi alvo de críticas do *Lacrima*.

inegável que polemizaram com as leituras hegemônicas, visto que os dados ali apresentados foram bem apurados e refletidos. Nesse sentido, atesta-se a necessidade de ampliar e cultivar experiências como essa que, parte de uma mídia radical alternativa, potencializam o protagonismo dos comunicadores-ativistas e da audiência ativa em uma região marcada por amplas contradições sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga. **Observatórios de Mídias**: Olhares da cidadania. São Paulo: Paulus, 2008.

DOWNING, John D.H. **Mídia radical**: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora Senac, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, out. 2008.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MORAES, Dênis de. **Mídia, poder e contrapoder**. Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. **Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo**: Das mídias de massas à massa de mídias. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

ROMANO, Vicente. **La formación de la mentalidad sumisa**. Madrid: Ensayo, 1998.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). **Vitrine e vidraça**: Crítica de mídia e qualidade no jornalismo. Covilhã, UBI, LabCom, Livros LabCom, 2010.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. A radiodifusão aberta e a democratização da comunicação no lulismo: hegemonia dos coronéis eletrônicos. **Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. v. 14, n. 28, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Volume I: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.